

CENA CULTURAL DE JUAZEIRO/BA ENTRE 1970 à 2000

Ludmila Pimentel (Estudante Artes Visuais)
Janedalva Gondim (Docente Artes Visuais)

Introdução

A construção desse verbete partiu da leitura do livro “Juazeiro de Perto: uma mistura de arte, cultura e política” do autor Antonio Carlos Coêlho de Assis, publicado pelo Grupo Editorial Scortecci, o qual constatamos um cenário fértil de ações e movimentos sociais cujo objetivo era promover a produção e a difusão cultural no município de Juazeiro/BA devido à ausência de uma política cultural. Por política pública cultural segundo Calabre (2005) estamos considerando um conjunto ordenado e coerente de preceitos e objetivos que orientam linhas de ações públicas mais imediatas no campo da cultura. Acompanhar as ações de uma política cultural realizada em um determinado governo ou em um determinado período da história de um país pode ser vislumbrada através do mapeamento das ações do Estado no campo da cultura. Na esfera federal, percebe-se momentos de descontinuidades no processo de elaboração de políticas públicas na área da cultura. Com o golpe militar de 1964, período no qual ocorreram a maior parte das ações relatadas no livro, surgiu a necessidade da elaboração de uma política nacional de cultura, mas não se registraram avanços. Em 1966, foi criado o Conselho Federal de Cultura, com 24 membros indicados pelo Presidente da República, que chegou a apresentar alguns planos de cultura para o governo, em 1968, 1969 e 1973, mas nenhum deles foi posto em prática. A partir de 13 de dezembro de 1968, com a promulgação do AI-5, sob o governo de Costa e Silva, reduziu-se drasticamente os direitos de liberdade de expressão da sociedade civil brasileira, incluindo a censura da imprensa e de algumas atividades denominadas diversões públicas. A censura e a violência até então direcionadas aos indivíduos da militância esquerdista passaram a afetar o campo cultural. Logo, artistas e intelectuais passaram a ser perseguidos pela ditadura militar (MESQUITA, 2015, p. 31). Apesar desse cenário ditatorial ou em razão dele, houve um esforço por parte do Conselho Federal de Cultura em estimular a criação de Conselhos Estaduais de Cultura, porém, essas articulações não chegaram aos municípios do interior, a exemplo

de Juazeiro/BA, seja nos âmbitos da produção, de circulação e do consumo culturais. Diante dessas condições políticas e sociais que a maior parte das ações e grupos que surgiram em Juazeiro/BA nas décadas de 1970 em diante procuraram organizar um circuito cultural na cidade, capitaneado primeiramente por estudantes universitários, intelectuais, jornalistas e artistas locais.

Ações e grupos culturais em Juazeiro a partir de 1970

O livro Juazeiro de perto: uma mistura de arte, cultura e política foi escrito com base na memória e lembranças do autor Antonio Carlos Coelho de Assis, bem como, relatos de alguns envolvidos nos “movimentos, entidades ou articulações sociais e de produção cultural de Juazeiro/BA”, além de documentos diversos.

“A história oficial nem sempre contempla os diferentes processos em curso na vida em sociedade. Em parte, devido ao fato de tais processos não terem registros, serem conhecidos apenas pelos relatos orais dos que os vivenciaram. Em outra parte, por intenções de ordem política, narrando apenas as trajetórias e interesses dominantes, omitindo e ignorando outros atores da vida social.”(ASSIS, p.18, 2021)

Entre os principais movimentos relatados pelo autor destacamos:

AUJ – ASSOCIAÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS DE JUAZEIRO – a AUJ teve 2 formações, a primeira em 1970 – 1976 e a segunda em 1983 – 1984. A maioria dos seus participantes eram universitários de Juazeiro/BA que estudavam na Universidade Federal da Bahia (UFBA), localizada na capital do estado, Salvador. O propósito da AUJ era criar e concretizar projetos sociais, culturais e artísticos voltados à comunidade juazeirense através da contribuição de cada integrante do coletivo de acordo com suas áreas de profissionalização e interesses. Alguns dos projetos e eventos realizados foram: Projeto Carranca, Semana Universitária de Juazeiro, Gincana Cultural, Festivais de Música, Exposições de Arte, dentre outros. Já na segunda formação, para refundar a AUJ, estudantes universitários decidiram se reunir. Tais estudantes faziam graduação em universidades localizadas em Salvador/BA, Recife/PE, e João Pessoa/PB. O objetivo da segunda formação era parecido com o da primeira, somente, com a diferença de que havia um caráter político mais definido e

exposto, como por exemplo, o estabelecimento de uma organização suprapartidária denominada Comitê das Diretas Já.

GRUPO ÊXODUS – este grupo iniciou suas atividades em julho de 1970, e tinha como objetivo criar espaços, projetos ou eventos culturais e artísticos, onde diversos artistas da localidade pudessem expressar sua criatividade compartilhando suas produções. Outra finalidade do Grupo Êxodus era estabelecer uma relação de interação entre os/as artistas com base no que ocorria na região, no país e no mundo, este fato demonstra uma evidente tentativa de criar um circuito artístico na região com a significativa atuação de Antônio Carlos Coêlho de Assis, mais conhecido por Coelhão.



A partir da esquerda, em pé: Mauriçola, Jorge (Banda Mirage), Tatau; sentados: Julhão, Sérgio Dynamite e Coelhão.

Fonte: https://www.redegn.com.br/index.php?sessao=noticia&cod_noticia=11787

CÍRCULO DE CONVIVÊNCIA CULTURAL – esta ação tem seu marco inicial com o lançamento de um manifesto que foi compartilhado com a comunidade em março de 1980, já o fim do movimento culmina com o falecimento de seu idealizador Pedro Raymundo Rodrigues Rego em 1981, que foi poeta, engenheiro, arquiteto,

professor, teórico e filósofo. Segundo Coelhão, o propósito do Círculo de Convivência Cultural presente no manifesto era:

“promover uma ação em Juazeiro, no sentido de refazer o processo, procurar as origens, explorar o potencial, promover o segmento cultural” através de um grupo aberto de discussão em que se mantivesse o caráter de pesquisa, de experimentação e, sobretudo, de vanguarda”. (Manifesto apud ASSIS, 2021, p. 55).

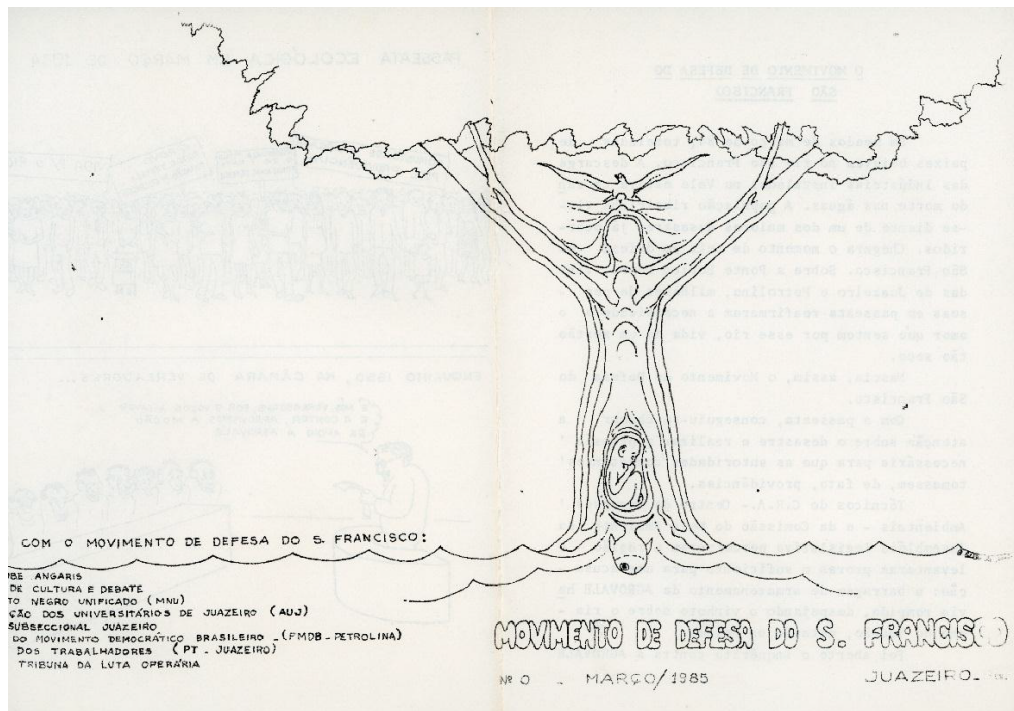
O manifesto também delimitava os objetivos específicos do Círculo de Convivência Cultural entre estes: troca de informações, incentivo e fomento da produção literária na região, estabelecimento de um mercado de arte, mapeamento dos autores de Juazeiro/BA, dentre outros. (Assis, 2021, p. 55).

CINE CLUBE ANGARÍS – este teve início em 1980, e possuía por finalidade instituir uma programação de filmes, que não apresentavam a mesma regularidade de exibição de um cinema comercial. O mesmo surgiu como uma reação à decadência do Cine Glória e Cine-Teatro São Francisco localizados em Juazeiro/ BA.

CENTRO DE CULTURA E DEBATE – este foi realizado a partir de julho de 1983. O Centro de Cultura e Debate consistia numa ação que reunia artistas, professores, intelectuais e produtores culturais com o objetivo de refletir sobre o contexto cultural e artístico da cidade. Os encontros ocorriam no Círculo Operário de Juazeiro/BA, mais especificamente no salão, que acabou virando um espaço onde diversas práticas artísticas aconteciam, como, ensaios de peças de teatro e exposições de arte. O comitê do Centro de Cultura e Debate também buscou se articular com os movimentos políticos da época, tanto nacionais quanto locais, por exemplo, o “Diretas Já” e o Movimento de Defesa do São Francisco - MDSF, entre outros.

MDSF - MOVIMENTO DE DEFESA DO SÃO FRANCISCO – este surgiu em resposta ao acontecimento de 15 de março de 1984, dia em que 300 ou 500 toneladas de peixes mortos foram encontrados boiando no Rio São Francisco devido ao vazamento de vinhoto causado pela usina Agroindústrias do Vale do São Francisco (Agrovale). Vários grupos se associaram ao movimento em defesa do meio ambiente através de diversas ações (seminários, passeatas, atividades culturais e educativas) que visavam a conscientização teórica e prática tanto dos participantes do movimento quanto da população em geral. Havia um diálogo entre o MDSF e a população através

de correspondências, além disso, o movimento também fazia pesquisas de campo para detectar problemas ecológicos.



Capa do Boletim do MDSF, março de 1985, criada por Coelhão.

Por fim, o **CENTRO DE CULTURA JOÃO GILBERTO** – teve inauguração em novembro de 1986, e foi instituído pelo Governo do Estado da Bahia, durante a gestão de João Durval Carneiro (1983-1896), junto com outros 6 aparelhos culturais instalados no interior da Bahia com o intuito de propiciar a circulação cultural no estado. (LIMA, 2011, p. 8). De acordo com Coelhão o projeto estadual apresentado tinha uma estrutura única para todas as cidades do interior onde seria implantado. Logo, numa reunião com um representante do Governo do Estado e pessoas de áreas variadas do município, interessadas na fundação do Centro de Cultura João Gilberto, ocorreram sugestões para melhor adaptar o projeto ao local, porém as propostas dos indivíduos ligados à região não foram atendidas ou consideradas. Também, dar o nome de João Gilberto ao Centro de Cultura foi fruto de negociações, pois a Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB) queria que este tivesse o nome da cidade (ASSIS, 2021, p. 99).

O objetivo do centro era movimentar a cultura local através de ações e diversos tipos de eventos e atividades. O Centro de Cultura foi se distanciando do seu objetivo ou da

comunidade, como grupos culturais, dependendo da gestão, ou seja, por questões políticas, uma vez que sua administração é por indicação política. Além disso, segundo Coelho, o Centro não detém total liberdade para criar sua agenda por conta da falta de autonomia referente à Fundação Cultural.

CONCLUSÃO

Percebe-se com base nas ações selecionadas para compor este verbete, presentes no livro de Coelho, “Juazeiro de Perto: uma mistura de arte, cultura e política”, que grande parte dos movimentos sociais e culturais que ocorreram entre os anos 1970 e 2000 foram fruto da atuação independente de grupos ligados às artes e à cultura, bem como, indivíduos associados a outras áreas de conhecimento situados no município de Juazeiro/BA. Logo, partindo do que foi posto anteriormente, nota-se uma ausência de políticas culturais que dessem estrutura e suporte, assim como, viabilizassem à cena cultural da cidade, demandando dos agentes sociais interessados no setor, como artistas diversos e produtores culturais, buscarem por conta própria através de parcerias e ações coletivas concretizar e financiar os projetos.

De acordo com Lima (2011, p.13), desde a junção das pastas relativas à cultura e ao turismo formando, assim, a chamada Secretaria de Cultura e Turismo no governo de Paulo Souto (1995-1999) até o ano de 1998 na Bahia, um número bastante reduzido de políticas culturais foram direcionadas para o interior do estado. Assim, há diferenças, durante os governos estaduais, na distribuição das políticas culturais entre a capital e o interior da Bahia. Houve um período no qual as políticas culturais na Bahia estavam inativas, esta época, segundo Lima citando Miguez de Oliveira (2000), compreende o início do século XX e final dos anos 1940, momento que predominava uma cultura academicista e elitizada, como também, ocorria mais fortemente a marginalização de manifestações populares. Porém, no final dos anos 1940 até o Golpe Militar de 1964, a partir da configuração de uma política nacional, departamentos e secretarias relacionados à cultura passaram a ser criados pelas gestões do governo estadual. Contudo, a partir de 1964 por conta da Ditadura Militar o campo da cultura na Bahia vive um ciclo de muita instabilidade, vigilância e censura, entretanto, é uma época em que ações sociais e culturais existiam em razão de muita resistência dos coletivos envolvidos, como observamos pelas datas de alguns movimentos relatados por

Coelhão. Além disso, algumas políticas culturais não levavam em conta a diversidade cultural presente na Bahia, ocasionando propostas que não dialogavam diretamente com a comunidade que se achava imersa nas questões culturais de determinada localidade, como se percebe na implantação do Centro de Cultura João Gilberto, onde a estrutura do equipamento era o mesmo para todas as cidades não havendo adequações de acordo com a especificidade de cada cidade.

Compreendemos que se faz-se mister que os setores responsáveis pela cultura em âmbito estadual planejem a implantação de políticas culturais buscando um diálogo mais profícuo com os municípios, e principalmente, com os segmentos sociais que integram grupos ligados à cultura, considerando suas demandas. As políticas culturais são de extrema importância para uma sociedade realmente democrática e diversa, onde os diferentes modos de existir são possíveis e celebrados.

Referências bibliográficas

ASSIS, Antônio Carlos Coêlho de. *Juazeiro de perto: uma mistura de arte, cultura e política*. São Paulo: Scortecci, 2021.

CALABRE, Lia. *Política Cultural no Brasil: um histórico*. In: Anais do I Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura/ENECULT, Salvador, 2005. Disponível em. Acessado em 13 de março de 2022

LIMA, Hanayana Brandão Guimarães Fontes. *Políticas culturais na Bahia: panorama histórico*. Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/Políticas_Culturais/II_Seminario_Internacional/FCRB_HanayanaBrandãoGuimaraesFontesLima_Políticas_culturais_na_Bahia. Acessado em 13 de março de 2022.